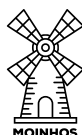


Escobar



# Escobar

**Márwio Câmara**



**MOINHOS**

**Para os amigos  
Antonio de Medeiros,  
Antonio Munró Filho,  
Maicon Pereira,  
Rafael Iotti,  
Rafael Mendes  
e Sandra Reis.**



Que é que eu penso do amor? – Em suma, não penso nada. Bem que eu gostaria de saber o que é, mas estando de dentro, eu o vejo em existência, não em essência. O que quero conhecer (o amor) é exatamente a matéria que uso para falar (o discurso amoroso).

**Roland Barthes, Fragmentos de  
um discurso amoroso**



**13**

a porta

**17**

das considerações  
de seio íntimo

**49**

isto não é um  
cachimbo

**87**

asas





## **labirinto**

**(la.bi.rin.to)**

(latim *labyrinthus*, *-i*, do grego *labúrinthos*, *-ou*)

sf.

1. Lugar, construção, jardim etc. com muitas divisões e passagens interligadas, em que é possível se perder ou não encontrar a saída.
2. Representação gráfica esquemática de um labirinto, ger. como passatempo (achar o caminho para entrar ou sair).
3. Fig. Grande confusão, complicação;  
EMARANHADO: *um labirinto de problemas*
4. Fig. Disposição irregular e complicada: *um labirinto de ilhas* [Sin. ger. nas 3 primeiras acp.: *dédalo*]
5. Anat. Conjunto de cavidades que formam a orelha interna
6. Bras. N.E. Bordado de bastidor; CRIVO  
[F.: Do gr. *labýrinthos,ou*]

\*Novíssimo AULETE, Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa.



a porta

aconteceram-me algumas coisas desde o último verão. não sei muito bem como iniciar. talvez eu simplesmente não escreva nada, e isto que chamo de relato ou narrativa seja apenas o início do início do fim de alguma coisa que tento encerrar de uma vez por todas.

não, não é bem assim.

estou aqui reunindo todos os fragmentos de uma experiência pessoal para ordená-los de forma que este relato soe de maneira minimamente lúcida e concreta.

eu li nos jornais que pessoas têm se matado quase todos os dias. quando um amigo tirou a própria vida, por motivos não muito óbvios, fiquei abalado durante uma semana, sobretudo porque o considerava um cara tremendo, além de grande jornalista. um dia antes de seu suicídio, ele me falara sobre o desejo de escrever um livro, sobretudo um romance. tinha até algumas coisas já escritas, e que, depois, me enviaria.

Virginia Woolf, abalada com a guerra e sobretudo com a guerra interior que travava há anos por conta de sua esquizofrenia, resolveu escrever uma carta de despedida ao marido e inserir algumas pedras no bolso, antes de consumir o corajoso ato, conduzindo-se para o eterno mergulho nas profundezas do Rio Ouse. Ana Cristina Cesar queria chorar, mas não conseguia. sentia-se como se estivesse emparedada, revelou ao amigo Armando Freitas Filho, em seu último telefonema antes de se jogar de uma das janelas do apartamento dos pais, em Copacabana. Pedro Nava atirou contra si mesmo, sucumbido pelo medo de expor a homossexualidade à esposa e toda a família, em decorrência das chantagens feitas pelo amante, um garoto de programa. Sylvia Plath, convalescida pela depressão, trancou os filhos dentro de um quarto, ligando o gás da cozinha e conduzindo o rosto para dentro do fogão.

acontece que estou sempre tateando alguma coisa no meio do escuro. um rosto de variantes formas nota-se no meio das palavras que escrevo, como aquela estrutura estranha que se move em cima da superfície do mogno da mesa da sala. e porque no fundo meu interesse está nas coisas comezinhas, essas que nunca costumamos naturalmente contar nas grandes rodas, em que todos parecem demonstrar serem mais interessantes do que realmente são, não muito diferente das redes sociais.

o amor, por exemplo. sempre que se fala sobre o amor, há quem já deboche e diga ser uma coisa estupidamente clichê e cafona, anedota pueril dos românticos, e que relevante mesmo seja apenas falar sobre a miséria nossa de cada dia. o realismo, de certa forma, pasteurizou o tema, catalogando-o como pura idealização católica apostólica romana, o que não deixa de ser verdade. mas o amor é vida pulsando também e muitas outras coisas ainda. aliás, alguém me disse que amor e morte andam juntas, lado a lado. e que o sentimento de amar o ser amado, com aquela entrega dos verdadeiros amantes, é quase o mesmo de morrer, uma experiência única e impactante. o tal momento shakespeariano.

enquanto escrevo, ouço o som de automóveis, ronco de motor de moto, buzinas, sirene de ambulância e algumas vozes desconhecidas na rua lá fora. e tudo isso se mistura feito vórtice com o que eu passarei a chamar daqui por diante de cenas.

apenas lembro, por ora, que alguém tocou a campainha e eu, ao fechar o notebook e levantar-me da cadeira da escrivaninha, logo em seguida, antes de abrir a porta, fitei a retina direita no olho mágico e...



das  
considerações  
de seio íntimo



*-fio-duplo-do-desejo-magnético-animal-nas-sombras-do-imenso-êxtase-  
arpoador-*

*faço magia com as próprias mãos ao escrever-te. estes versos cheios de  
lúsuras e roseiras, que mesmo estupidamente belas, me ferem e me ferem,  
retirando-me gotas de sangue, por vezes.*

*desejo tua boca como quem pensa no último momento da experiência  
humana antes de morrer. dentro de mim, apenas um movimento doce  
de estrelas – e o silêncio a me entristecer. mas há música também que  
chama, e é nela que eu te canto na esperança que tu me ouças. embora  
eu não me atreva a materializar em palavras tudo que tenho suportado,  
nesse desejo voraz por te amar calado e de querer-te todos os dias, mais e  
mais – enlouquecer.*

*é porque a gente ama cheio de sede e explosão, cheio de fúria e paixão,  
muito sem saber o porquê.*

*ama-se à nuvem do mistério.*

*imprecisão.*

*sente-se.*

*basta ouvi-la no gravador para um céu de estrelas romper dentro do  
peito da gente.*

*as palavras fogem. elas sempre fugiram.*

*gostaria que ela soubesse que a amo, mas tenho medo. maldita  
insegurança. gostaria de enchê-la de presentes e de beijos. gostaria que os  
anjos lhe tocassem uma ária celeste. gostaria de tê-la para sempre em meus  
braços, e por isso que a eternizo – na gênese da palavra.*

*se ela soubesse que a amo, sem a menor pretensão... melhor calar-me.*

*um dia me atreverei, e quando menos esperar direi a ela: amo-te. depois  
disso, morrerei, certamente, de emoção.*

# CENA

## 1

certo dia, gravei um trecho de Barthes para R.: *Fragments de um discurso amoroso*, no gravador do celular.

respirei fundo. concentrei-me. recitei-o. o coração saltando pela boca. invadido por uma sensação indescritível de tensão e êxtase. palavra por palavra.

fragmentos enviados por mensagem de voz.

R. visualizou. agradeceu em seguida. e não disse mais nada.

# CENA

## 2

o amor é o ridículo da vida, já dizia Dalva de Oliveira.

não é nada. é a coisa mais bonita que existe,  
respondeu-me uma amiga.

tudo que tem escrito é verdadeiramente tocante, rico e  
mágico, disse um amigo.

ambos devem me achar ridículo, isso sim, penso, aqui,  
em meu íntimo.

jamais, ridículo por quê?, indagaram ambos, como se  
tivessem me ouvido.

esse platonismo ainda vai me enlouquecer, respondo.

fique tranquilo, dizem.

como se fosse fácil, retruco.

acalme-se, homem!, eles exclamam.

mas como, se a cada dia esse sentimento cresce feito um  
câncer dentro de mim? do que adianta tanto amor sem poder  
trocar nada, sem poder dizer-lhe uma única palavra que  
promova tal gesto? R. nem sequer sabe que a amo. de certa  
forma, sinto-me como se estivesse amando a Marilyn Monroe.  
um sonho, sabe? simplesmente, um sonho.

com a diferença de que a Marilyn faleceu há mais de  
cinquenta anos, e R. está vivinha da silva, morando em  
Copacabana, lembrou-me meu amigo.

é verdade. uma alegria.

# CENA

## 3

saio do quarto e vou até a cozinha. abro a geladeira. encho um copo de Coca-Cola. corto uma rodela de limão. insiro-a dentro da circunferência do copo. bebo o refrigerante. o prazer líquido gaseificado passando pelo tubo digestivo.

resolvo ir até o terraço. está frio aqui fora. sento-me na cadeira. registro algumas estrelas no céu. gostaria de ler *Tom Jones* e ouvir Bessie Smith. uma coisa ou outra. mas por que não as duas? acabo não fazendo nenhuma.

volto para o quarto. assisto a um filme na TV por assinatura:

*Tom at the farm.*

# CENA

## 4

o quarto tem cheiro de mofo, rachaduras na parede e apenas uma cadeira sem estofo.

acordo, de súbito. ainda é noite.

madrugada. clarões. temporal.

o mofo está no sonho. e a cadeira também.

as rachaduras permanecem. não apenas no teto, mas naquilo que escrevo.

não.

sim.

sim.

não.

apenas palavras.

respiro. fecho os olhos. abro-os novamente. não vejo quase nada. sua imagem em pensamento. dentro do espelho. bolhas de sabão.

meu celular próximo do travesseiro. quatro e trinta e cinco da manhã.

levanto-me. acendo um cigarro. abro a janela. o jardim alagado pelo aguaceiro.

o amor e o mundo, sou eu. somos nós. e o tudo. feito gotas de chuva.

# CENA

## 5

R. sorri. mexe os óculos frente à câmera. fala sobre teatro, jornalismo, música e poesia. sobre seu profundo amor pela palavra.

tudo o que nela se reproduz é admiravelmente encantador, rico e mágico.

eu te amo.

R. sorri. não necessariamente para mim.

R. diz que é uma jovem velha.

a entrevista acaba.

*replay.*